



CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA – UniCEUB
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS – FASA
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
HABILITAÇÃO EM JORNALISMO
DISCIPLINA: MONOGRAFIA
PROFESSOR ORIENTADOR: SEVERINO FRANCISCO
ÁREA: COMUNICAÇÃO DE MASSA

As máscaras do diabo na minissérie “Hoje é dia de Maria”

Isabel Azevedo Freitas
20412769

Brasília, Outubro de 2007

Isabel Azevedo Freitas

As máscaras do diabo na minissérie “Hoje é dia de Maria”

Trabalho apresentado à Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas, como requisito parcial para a obtenção ao grau de Bacharel em comunicação social com habilitação em jornalismo no Centro Universitário de Brasília – UniCEUB.

Prof . Severino Francisco

Brasília, Outubro de 2007

Isabel Azevedo Freitas

As máscaras do diabo na minissérie “Hoje é dia de Maria”

Trabalho apresentado à Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas, como requisito parcial para a obtenção ao grau de Bacharel em comunicação social com habilitação em jornalismo no Centro Universitário de Brasília – UniCEUB.

Banca Examinadora

Prof. Severino Francisco
Orientador

Prof. Beto Rocha
Examinador

Prof. Claudia Busato
Examinadora

Brasília, Outubro de 2007

Dedicatória

Dedico este trabalho a minha família, que me apoiou durante toda a faculdade e em especial neste momento tão importante, que é a apresentação da monografia; aos colegas de jornalismo que sempre estiveram juntos comigo; aos amigos de Goiânia que souberam entender minha ausência neste período. Em especial, dedico esta pesquisa ao meu avô querido, que partiu deixando muitas saudades.

Agradecimentos

Agradeço em primeiro lugar a Deus por ter me dado forças para conseguir concluir este trabalho;

Ao meu orientador e professor Severino Francisco, que me deu o suporte necessário para elaborar cada capítulo desta pesquisa;

Agradeço também à instituição de ensino UniCEUB que ajudou a realizar o grande sonho da minha vida: ser jornalista. E a todos os professores que sempre ressaltaram a importância de fazer um jornalismo sério e de qualidade;

“Não é a espada, é a inocência que renova o mundo”

Luiz Fernando Carvalho

RESUMO

O presente trabalho pretende mostrar como foram construídas as sete versões do diabo na minissérie “Hoje é dia de Maria” e como o diretor Luiz Fernando Carvalho usou elementos do *Fausto* de Goethe e de *Grande Sertão: Veredas* de Guimarães Rosa para elaborar de forma consistente as falas e características do grande vilão do seriado. Sem deixar de mencionar a importância da minissérie para a televisão brasileira que usou elementos jamais vistos em telenovelas.

Palavras-chave: diabo, manifestações do diabo em “Hoje é dia de Maria”, estereótipos do diabo, Rede Globo, minissérie “Hoje é dia de Maria”.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1- O MAL NOS MITOS E NOS CONTOS DE FADAS	10
1.1 Conceituação dos mitos	10
1.2 O mal nos contos de fadas	12
1.3 Mito x Contos de fadas	13
1.4 Contextualização da minissérie “Hoje é dia de Maria”	13
2 - AS INFLUÊNCIAS DE GOETHE E GUIMARÃES ROSA	15
2.1 Mito Fáustico	15
2.2 Riobaldo e o pacto com diabo	18
3 - JORNADA DE MARIA	22
3.1 Tormentos de Maria	22
3.2 Começa a jornada de Maria	22
3.3 Primeira visão do diabo	23
3.4 Maria desafia o diabo	23
3.5 Diabo rouba infância de Maria	26
3.6 Gata Borracheira	27
3.7 Diabo prende o amor de Maria	27
3.8 Diabo devolve infância de Maria	28
3.9 Maria derrota o diabo	31
3.10 Manifestações do mal	33
4- TELENOVELAS E ESTEREÓTIPOS	35
4.1 Produto de televisão	35
4.2 Manifestações do diabo na minissérie	39
4.3 Fausto, Riobaldo e Asmodeu	40
5- CONCLUSÃO OU CONSIDERAÇÕES FINAIS	43
6- REFERÊNCIAS	45

Introdução

A minissérie “Hoje é dia de Maria” que foi veiculada na Tv Globo em 2005 foi uma das produções mais ricas já apresentadas pela televisão brasileira. O seriado buscou retratar a cultura popular brasileira a partir da visão de uma menina, com uma mistura de linguagens erudita e popular fugindo aos padrões e às convenções das telenovelas.

A linguagem e a maneira que a narrativa foi construída, cheias de metáforas e resgate da memória, retrataram de maneira lúdica e criativa a trajetória de uma menina que vira mulher, revelando ao mesmo tempo todos os paradoxos e as complexidades do mundo real explorando também o lado sublime, trágico e maravilhoso da vida.

Durante sua jornada, a personagem principal Maria se encontra com diversas caricaturas, dentre elas uma madrasta má, executivos, mendigos e claro o diabo, o grande vilão, que tenta enganar a menina de várias maneiras para roubar a sombra, a liberdade, e sua infância.

Este é ponto a ser explorado no presente trabalho, através de estudos literários e estudo dos mitos pois por meio de sete metamorfoses, o demônio vai acompanhar Maria até que consiga prejudicar a mocinha da história. Para a construção deste personagem, o diretor da minissérie, Luiz Fernando Carvalho, buscou influências em obras-primas da literatura e autores como *Goethe* e *Guimarães Rosa*.

O mito secular do diabo está presente em “Hoje é dia de Maria”, que o explora de maneira criativa e lúdica estabelecendo dessa forma, uma comunicação com o público por meio de jogos de estereótipos, literatura clássica e cultura de massa.

1. O MAL NOS MITOS E NOS CONTOS DE FADAS

1.1 – Conceituação dos mitos

A origem dos mitos não tem uma data definida. Faz parte das várias divagações que realizam a respeito das origens de tudo, que não explica necessariamente a explicação do estado atual de determinada situação ou fenômeno. No dicionário Aurélio, o significado é o seguinte: fato, passagem dos tempos fabulosos, tradição, coisa inacreditável, sem realidade. Mas o que percebemos é que muitos mitos não perdem sua força, nem sua verdade com o passar dos anos.

De acordo com Everardo Rocha (1985), autor do livro “O que é mito”, os mitos carregam uma mensagem que não é explícita, não é objetiva, por isso podem ser identificados como uma mentira. Mas o que é mais comum ainda são as diversas interpretações feitas a respeito de determinados mitos. A antropologia, por exemplo, explica que há uma forte ligação entre o mito e o contexto social, pois ele é capaz de revelar o pensamento de determinada sociedade e como são as relações que os homens mantêm entre si e com o mundo. Já a psicologia jungiana acredita que os mitos estão em uma região chamada de inconsciente coletivo e por isso são compartilhados por toda a humanidade, sendo assim, um patrimônio comum.

Existe uma especulação também a respeito da veracidade dos mitos. Everardo Rocha explica que mesmo que a estória não corresponda com a verdade, não quer dizer que não tenha valor.

É melhor não tentar entendê-lo como uma regra, uma questão de múltipla escolha, uma prova final. É melhor viajar nele como uma emoção, num pensamento furtivo, num novo desejo ou num velho

prazer. Não vamos saber o que é mito. Nem ele próprio o saberia (ROCHA, 1984, p.10)

Para entender os mitos os antropólogos fazem um estudo de campo e vivem o dia-a-dia de sociedades diferentes, pois só assim é possível realizar uma conclusão convincente sobre o tema. Segundo Everardo Rocha, um ponto essencial para o estudo é a teoria naturalista, que transforma mitos em uma espécie de tradução das forças da natureza, como o sol, a lua e as estrelas, como um exercício contemplativo às forças naturais.

Na teoria evolucionista, a interpretação de seus significados era vinculada a estudos sobre religião; já na concepção animista, existe a idéia de que os mitos nasciam de rituais.

A psicologia jungiana afirma que o mito se interioriza e dessa forma está próximo do sonho, da fantasia, do devaneio. E Jung diz o mito pertence ao inconsciente coletivo, pois “povos separados no espaço, de culturas diferentes produziram imagens, figuras míticas e simbologias semelhantes”. (ROCHA, 1984, p.43).

O mito como vimos, não possui sólidos alicerces de definições. Não possui verdade eterna e é como uma construção que não repousa no solo. O mito flutua, Seu registro é o do imaginário. Seu poder é a sensação, a emoção, a dádiva. Sua possibilidade intelectual e o prazer da interpretação. E interpretação é jogo e não certeza (ROCHA, 1984, p.94-95).

Os mitos, portanto, podem ser considerados como a primeira atribuição de sentido ao mundo, como diz Everardo Rocha, e sua principal função não é explicar a realidade, mas sim mostrar ao homem qual seu lugar no mundo.

1.2 - O mal nos contos de fadas

Os contos de fadas também são cheios de significados, de lendas, mentiras e verdades. Mas de acordo com Bruno Bettelheim, autor de “Psicanálise dos Contos de Fadas”, essas histórias são o que há de mais real para as crianças algo que realmente consegue se comunicar com elas em linguagem acessível. Os temas abordados dizem respeito às pressões internas graves, de um modo que esse público tenha soluções, mesmo que temporárias, de maneira inconsciente.

Bettelheim explica que nesse tipo de narrativa existe sempre um dilema existencial e geralmente todas as situações são simplificadas e para a elaboração dos personagens são excluídos detalhes menos importantes, sendo, no entanto, “mais típicos do que únicos”.

Na maioria dos contos de fadas sempre existe a luta entre o bem e o mal, em que o vilão sempre procura vencer o bonzinho. Os malvados são figuras tão onipresentes como as virtudes e segundo Bruno Bettelheim, estão presentes na vida de todos os homens. Essa questão remete a uma problemática muito interessante: a importância da moral, mostrando às crianças que mesmo que o mal se encontre vitorioso por alguns momentos, o crime não compensa.

Nos contos de fadas como na vida, a punição ou o temor dela é apenas um fator limitado de intimidação do crime. A convicção de que o crime não compensa é um meio de intimidação mais efetivo, e esta é razão pela qual nas histórias de fadas a pessoa má sempre perde (BETTELHEIM, 1980, p.15).

1.3 - Mito x Contos de Fadas

Tanto nos contos de fadas como nos mitos é possível observar que ambos utilizam uma linguagem de símbolos, sempre representando conteúdos presentes na nossa inconsciência. Mas existem muitas diferenças, como aponta Bruno Bettelheim:

Colocado de forma simples, o sentimento dominante que um mito transmite é: isto é absolutamente singular; não poderia acontecer com nenhuma outra pessoa, ou em qualquer outro quadro; os acontecimentos são grandiosos, inspiram admiração e não poderiam possivelmente acontecer a um mortal comum como você ou eu (BETTELHEIM, 1980, p.47).

Já os contos de fadas são apresentados como corriqueiros, e em qualquer situação poderiam realmente acontecer, pois “mesmo os mais notáveis encontros são relatados de maneira casual e cotidiana” (BETTELHEIM, 1980, p.47).

Outro ponto que diferencia mitos de contos de fadas, é que na maioria das vezes, o final dos mitos é trágico, enquanto nos contos, o final vem sempre acompanhado do “e viveram felizes para sempre”. E fechando a comparação, é interessante notar que o mito é pessimista e o conto de fadas, otimista.

1.4 – Contextualização na minissérie “Hoje é dia de Maria”

Com uma mistura recheada de mitos e contos de fadas, “Hoje é dia de Maria” revela de certa forma os paradoxos e as complexidades do mundo real, exibindo seu lado sublime, trágico e maravilhoso. Os mitos aparecem na exibição das tradições mais nobres de nossa cultura, resgatando

a diversidade de manifestações artísticas e populares, intercalando mitologias antigas, com mitologias regionais do Brasil, construindo assim o mundo fantástico de Maria.

Segundo Cláudio Paiva, pesquisador da Universidade Federal da Paraíba, estudiosos de “ciências exatas” como Joseph Campbell, Mircea Eliade e até mesmo Marcelo Gleiser já haviam comprovado o poder dos mitos na formação da consciência.

Os contos de fadas também foram explorados de maneira clara no seriado, tanto que o diretor do trabalho, Luis Fernando Carvalho, usou elementos de Cinderela, por meio da madrasta má e sua filha e trouxe o diabo como o principal vilão da pequena protagonista, que tem o objetivo de acabar com a felicidade de Maria. Para Bruno Bettelheim, os contos de fadas têm função primordial na formação da personalidade, por isso foram tão importantes na construção da personagem.

Nos próximos capítulos, faremos uma análise sobre como é a abordagem do “diabo”, seu surgimento, suas personificações e as diversas maneiras pelas quais este personagem aparece nas estórias.

2. INFLUÊNCIAS DE GOETHE E GUIMARÃES ROSA

2.1 - Mito fáustico

Um dos mais clássicos e celebres personagens que fazem menção ao diabo é o misterioso Fausto, que tem os primeiros registros no século XVI, entre os anos de 1480 e 1540. De acordo Fani Schiffer Durães, ele era médico, vidente, cartomante e ficou famoso pelos pactos com o diabo e seus feitos sobrenaturais. São poucos os informes históricos sobre o indivíduo Georg Faust, mas o que se sabe é que onde o personagem é apresentado, logo vira o centro das atenções, ainda que rejeitado pelos teólogos e aceito pelos naturalistas como objeto de curiosidade.

Existem inúmeras versões sobre o Fausto, como cita William Valentine Redmond, professor doutor do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora em seu artigo “O mito de Fausto em Guimarães Rosa, seguindo a tradição de Spies, Marlowe e Goethe”. Johann Spies publicou em 1597 uma espécie de panfleto religioso e fez uma crítica à conduta do Doutor Fausto. Já Christopher Marlowe descreveu um homem sábio, como a maioria dos intelectuais da realeza na época.

Essa diversidade de contos envolvendo o personagem comprova sua popularidade, que sofreu diversas mudanças com relação ao caráter duvidoso de sua personalidade. Toda essa discussão transformou-o em um mito, pela tradição oral, por dois motivos principais: mago e pacto com diabo.

Fausto não era movido pelo desejo de conquistar riquezas e bens materiais, mas sim pela sede de conhecimento, como afirma também Rita

Iriarte em seu livro “Fausto: a história, a lenda e o mito”. Sua aliança com as forças do mal foi feita em troca da eterna juventude, ou amor. Em 1675 foi elaborada a primeira dissertação universitária a respeito do assunto, que examinando a vida do mágico concluiu por bani-lo “academicamente” da vida real, uma vez que o transfere para o campo da “pura imaginação”.

Esse esforço pelo conhecimento é característica do homem do século XVI, na época do Renascimento, marcado por crises e revoltas, além de grandes transformações sociais e culturais. Entre as principais descobertas está a que a Terra gira em torno do sol, por Nicolau Copérnico, a descoberta das Américas, a teologia dos humanistas, o desenvolvimento da imprensa e a apresentação das 95 teses de Lutero, quando a Igreja Católica perde sua unidade. Justamente nessa época se fortalece a influência da magia, que passa a ser vista com ciência da natureza universal. Como afirmou Hans Mayer, citado por Fani Schiffer Durães:

Todas as dúvidas do homem da era da Reforma convergem na nova figura de um prodigioso mestre da magia negra, que já não é sacerdote nem falso monge, como no universo católico, mas leigo e representante de todas as ciências e artes, das profanas como das espirituais. A partir de então o seu nome foi Fausto (MAYER, 1979 apud DURÃES, 1999, p.99).

O “Fausto” de Johann Wolfgang von Goethe foi considerada a obra máxima da literatura alemã. O autor nasceu em Frankfurt em 1749 e morreu em 1832. Durante mais de sessenta anos, se dedicou ao personagem e sua primeira obra foi “Fausto - Um Fragmento” em 1790. O mundo vivia nesse período o Iluminismo, conhecido também como o Século das Luzes, quando o diabo e magia estavam perdendo credibilidade e ganhando status de ciência.

Goethe apresentou o personagem como um astrólogo, perito em magia e alquimista. A lenda traz um estudo psicológico da luta entre o bem e o mal na forma de tragédia renascentista e mesmo com o pacto com o diabo,

Fausto alcança glória máxima e, ao final, se torna um homem salvo pelos anjos de Deus. Segundo William Valentine Redmond, até mesmo o demônio tem características diferenciadas.

Mefisto era um cavalheiro sarcástico com comportamento social aceitável. Mas muito mais importante do que essa mudança no personagem de Mefisto foi a nova e penetrante interpretação do personagem central Fausto. Ele é apresentado no Prólogo do Céu como um servo de Deus, que erra ao ter grandes aspirações. Então, nesse contexto, o relacionamento entre Fausto e Mefisto está situado no contexto da luta entre Deus e o demônio. E Fausto torna-se representante de todas as aspirações humanas nesse contexto (REDMOND, 2004, p.117-118).

O “Fausto” de Goethe fala sobre as experiências de um velho professor que vive na Alemanha na alta Idade Média e sozinho em seu gabinete se arrepende de ter passado a vida estudando. Para fazer um resgate de sua juventude, o personagem faz um pacto com o Diabo, que transforma o Doutor num jovem rapaz e este sai em companhia do Mefisto pelo mundo.

Goethe morreu descrente no mundo e em suas doutrinas. Sua obra foi esquecida durante muito tempo e alvo de críticas, pois muitos afirmavam que o autor construiu um universo utópico, esquivando-os da realidade. Após um século de muita análise, “Fausto” foi considerado atual, através da pesquisa das origens do mal, de todas as guerras, lutas, revoluções, crimes. Goethe deu enfoque realista às crises da humanidade apresentando razões para sua ocorrência. Na verdade, o personagem queria perpetuar e vislumbrar uma realidade positiva, pois sentia insatisfação perante o estado normal das coisas.

Uma vida dedicada a um personagem fez com que surgisse o protótipo do “homem fáustico”, cujas características marcam a personalidade de outro protagonista importante na literatura brasileira: Riobaldo em Grande Sertão: Veredas, clássico de Guimarães Rosa.

2.2 - Riobaldo e o pacto com diabo

No Brasil, a idéia do diabo traz forte influência européia, indígena e negra, sendo assim, uma fusão de elementos pagãos e cristãos. A narrativa de Guimarães Rosa se passa no sertão, onde crença e superstição andam juntas.

O sertanejo, como um contador de histórias por excelência, contribuiu muito para o desenvolvimento de uma imagem plástica do espírito do mal. Guimarães Rosa, como um homem do sertão, mostra em seu livro a concepção do mal, em que superstição juntamente com a tradição filosófico-religiosa cristã encontra-se inter-relacionadas num mundo mágico (DURÃES, 1999, P. 255).

No livro, diferente do Fausto de Goethe, o demônio aparece como produto da interpretação humana, como um eterno questionamento, segundo Fani Schiffer Durães. O diabo se esconde atrás das máscaras da linguagem e é vago, indeterminado, obscuro e por isso não se pode compreendê-lo por inteiro. Outra diferença é que em Grande Sertão: Veredas, a figura do mal possui vários nomes, como Sanatás, Belzebu, O Tal, O Arrenegado, O Cramulhão, O Coisa Ruim, entre outros.

A obra é um monólogo, em que Riobaldo conta sua história para um visitante já na velhice. O protagonista fazia parte do bando de Zé Bebelo, liderado antes por Joça Ramiro, morto em uma das batalhas. O objetivo de Riobaldo era se vingar da morte do antigo líder, matando Hermógenes e seus seguidores. Mas este faz um pacto com o demônio para fechar seu corpo e se tornar invencível e então o protagonista resolve vender sua alma ao diabo, pois acreditava que somente dessa forma ele conseguiria vencer seu maior inimigo.

O crítico literário João Adolfo Hansen explica que a amizade de Riobaldo com o demônio preencheu algumas carências: primeiro o amor de Diadorim, que se passa por soldado, mas no final do livro revela-se uma mulher, e a ganância pelo poder, já que o personagem principal queria vender uma boa imagem aos companheiros a fim de provar que a invencibilidade de Hermógenes não existia.

É bom saber que a maneira de pensar dos sertanejos está bem retratada na obra de Guimarães Rosa, sendo a dicotomia um dos pontos mais fortes, em que o bem e o mal são mais intensos. Para Riobaldo, ou uma coisa é boa ou má, não existe meio termo. Mas ele acreditava que tudo o que não fosse divino vinha do mal. “Deus existe até quando não há Deus” (ROSA, 1956, p. 49) afirmou Riobaldo, que dizia que o demônio seduzia os homens para satisfazer seus desejos, mas ele alerta que essas ações são vãs e Deus sempre os pune.

Essa dialética da vida humana é confrontada em episódios da obra de Guimarães Rosa, como Maria Mutema e de Padre Ponte. Fani Schiffer Durães conta em seu livro, que essa personagem levava uma vida normal, mas sem razão aparente, comete dois crimes: mata o marido e através de suas confissões, acaba matando o padre. O arrependimento a fez confessar e o povo passa a ver Maria como uma santa, com isso surge um questionamento sobre a existência do mal. A autora ainda levanta uma dúvida: a confissão afinal é instrumento de morte ou salvação? Ao mesmo tempo, o padre morto tinha uma amante e três filhos. Riobaldo aceita o fato com muita naturalidade e reconhece que no sertão isso era aceito e comum.

A história de Maria Mutema representa de certa forma os contrastes e contradições na vida protagonista que como chefe de um bando, incorre cada vez mais no mal, chegando a matar sem motivos. Mas Riobaldo procura explicações para seus atos. “Todo tormento. Comigo as coisas não

têm hoje e ant’ontem amanhã: é sempre. Tormentos. Sei que tenho culpas em aberto. Mas quando foi que minha culpa começou?” (ROSA, 1956, p.109).

Riobaldo é um jagunço diferente, pois não se permite parar de pensar. Para ele, tudo é muito misturado, até mesmo Hermógenes, a encarnação do mal, não possui univalência.

Estudei uma dúvida. Ao que será que seria o ser daquele homem, tudo? Algum dia referido que ele era casado, com mulher e filhos. Como podia? Ái-de vai, meu pensamento constante querendo entender a natureza dele, virada diferente de todas, a inocência daquela maldade. Aí eu acreditei que tivesse de haver mesmo o inferno, um inferno; precisava (ROSA, 1956, p.179).

Pode-se inferir que a protagonista da minissérie “Hoje é dia de Maria” se assemelha muito com Riobaldo, pois durante toda sua jornada procura entender os acontecimentos e, ao longo da história, os telespectadores percebem o amadurecimento da menina.

O protagonista procura um ambiente apropriado para fechar o pacto e segundo Fani Schieffer Durães, mesmo depois de concluir o “acordo” ele acha que o diabo realmente não existe, pois não viu a figura em forma, mas seu imaginário conseguiu ouvir as vozes do demônio.

Então, não sei se vendi? Digo ao senhor: meu medo é esse. Todos não vendem? Digo ao senhor: o diabo não existe, não há, e a ele eu vendi a alma... Meu medo é esse. A quem vendi? Meu medo é este, meu senhor: então a alma, a gente vende, só, é sem nenhum comprador. (ROSA, 1956, p.366).

No conflito final do livro, o demônio fica no meio do “redemunho” entre o protagonista e seu inimigo Hermógenes, que não resiste e morre. Mas, como afirmou a autora de “O mito de Fausto em Grande Sertão: Veredas” o diabo tem o hábito de cobrar pagamento pela alma vendida e

Diadorim também morre fazendo com que Riobaldo tenha um sentimento de culpa enorme, ao mesmo tempo em que descobre que seu amigo, na verdade é uma mulher. Ao envelhecer, o personagem central se casa com uma religiosa e torna-se médium da religião de “cardéque”, numa tentativa de fazer um pacto com Deus, acredita Fani Schiffer Durães.

Para concluir esse capítulo que falou sobre os pactos com o diabo tanto em Fausto de Goethe, como em Grande Sertão: Veredas, é interessante notar que os finais são diferentes em cada história. Em Goethe, ele é redimido e carregado por anjos para o paraíso porque ele lutou para viver intensamente o destino da humanidade. Já em Guimarães Rosa, Riobaldo não perde sua alma, mas perde sua alma gêmea e passa o resto da vida em um inferno espiritual por ter causado a morte da mulher amada.

3. JORNADA DE MARIA

3.1 – Tormentos de Maria

O presente capítulo vai tratar do objeto principal desse estudo que é a minissérie “Hoje é dia de Maria”, veiculada na Rede Globo de Televisão no ano de 2005. O tema principal são as manifestações do diabo no seriado que aparece em seis personagens distintos, como se fossem pessoas diferentes, mas com o mesmo objetivo: roubar a experiência e os sonhos da protagonista Maria. É necessário, portanto, fazer um breve relato do enredo.

Maria é uma menina doce, bonita, “prendada”, mas que aos oito anos de idade é obrigada a enfrentar vários desafios difíceis, como o diabo, a perda da mãe, um pai violento, além de seguir seu destino sozinha, perambulando pelo sertão do Brasil. Estudiosos como Cláudio Paiva da Universidade Federal da Paraíba, afirmam que a narrativa de “Hoje é dia de Maria” é um mergulho profundo nas tradições mais nobres de nossa mestiçagem cultural, que resgata a diversidade de manifestações artísticas populares, em que se conjugam as contribuições laicas e religiosas, indígenas, ibéricas e africanas.

Abre as portas para uma contemplação da realidade brasileira numa perspectiva trágica, reconhecendo os abismos sociais geradores de sofrimento e infelicidade, e faz sua denúncia, sem deixar de mostrar o riso, a astúcia e o vigor do coletivo, num relato que mantém uma postura afirmativa diante de vida, norteadada pela crença no amor e baseada no princípio da liberdade (PAIVA, 2005, p.2).

3.2 – Começa a jornada de Maria

O primeiro capítulo mostra Maria brincando no balanço, sozinha e cantando cantiga de crianças. O pai embriagado logo a chama e se mostra violento. A mãe da menina morreu e os irmãos saíram em busca de trabalho em outras terras.

Seu pai casa-se com uma vizinha fazendo surgir um novo calvário na vida da protagonista: os maus-tratos da madrasta, como uma comparação com a fábula “Gata Borralheira”. Mas ao contrário da mocinha deste conto, Maria foge em busca do seu sonho, que é chegar perto das “franjas do mar” e encontrar o tesouro que só pode ser aberto com uma chave que sua mãe havia lhe dado.

Maria diz: “com essa chavinha, eu hei de encontrar meu tesouro que se esconde em algum caminho nas franjas do mar”.

3.3 – Primeira visão do diabo

O segundo capítulo começa mostrando a tristeza do pai por Maria ter partido e então resolve buscá-la. Enquanto isso a protagonista começa a conquistar vários amigos pela sua jornada, como os meninos carvoeiros, que personificam o tema da exploração do trabalho infantil. Surge então a primeira visão do diabo-mor, “Asmodeu”, sendo o patrão das crianças, que roubou a sombra, a infância e a liberdade, forçando-as a trabalhar sem descanso.

3.4 – Maria desafia o diabo

No terceiro episódio, Maria chega a uma festa onde ocorre a primeira metamorfose do demônio, que aparece como um “lorde cigano” e

pede para comprar a sombra de Zé Cangaia, um camelô, em troca de um pedaço de pão.

O vendedor pergunta ao lorde se quer comprar um apito de pombo e ouve a resposta: “Eu vou comprar sim, mas é coisa bem diferente. Coisa que você é dono, mas não tem muita serventia, não e o lucro, o lucro vai ser todo seu. Eu vou comprar a sua sombra”.

Maria percebe que o demônio está disfarçado de lorde cigano e tenta impedir o pacto, mas o camelô não quer ouvir seus conselhos e acaba aceitando a troca, sem acreditar que o lorde é na verdade uma das versões do diabo. E neste momento, a heroína conquista um de seus maiores inimigos. “Você vai se arrepender menina. A gente se cruza. Você vai aprender a não meter esse narizinho ranhento onde não é chamado”, diz o demônio.

Para fazer Maria pagar, diabo vai punir seu pai, tentando roubar sua sombra. Para se aproximar do genitor, a segunda versão do demônio aparece para o pai como sendo um bom companheiro para a viagem solitária em busca da filha. “Remédio para tristeza e tédio é prosa de amigo”, afirma o “coisa ruim” para o pai de Maria, que neste exato momento está evocando para desfazer o pacto com Zé Cangaia e devolver a sombra para o amigo.

No início de sua conversa com o lorde, o vendedor não havia percebido que se tratava do diabo. Maria o ajuda a abrir os olhos e logo ele se arrepende de ter vendido sua sombra, que seria seu corpo e sua alma. Pode-se fazer uma comparação com a discussão de Mefisto e Fausto para acertar o preço de sua alma. Para o simples sertanejo, a sombra vale apenas um pedaço de pão, mas para o Doutor Fausto, só a conquista de mais conhecimento pagaria o pacto.

O diabo então propõe um desafio: se Maria acertar as três respostas das três perguntas, ele devolve a sombra, senão, o pacto continuava valendo “A sombra do Zé já está fisgada. É só o prazo para começar a puxar o corpo, a alma dele já está linhada”, diz a Maria, que consegue passar pelo desafio, reconquistando a sombra do amigo.

É importante observar que neste caso, foi “fácil” devolver a alma para seu dono, diferente do Fausto e de Riobaldo, que levaram muito tempo para desfazer o trato, e, além disso, pagaram preços altos por ter fechado o acordo com o demônio. Uma das razões para essa facilidade pode ser que o pacto foi feito por uma razão “pequena”, visto que o único pedido do Zé Cangaia foi um pedaço de pão, que, aliás, lhe deu dor de barriga. Essa pode ser uma maneira de mostrar a ingenuidade do sertanejo, que vende sua alma por qualquer migalha. Além disso, ao vender sua sombra, ele não sabe que por trás daquele belo lorde cigano está o diabo, que quer roubar todas as sombras que puder, principalmente daquelas pessoas de bom coração.

Mesmo considerando que o Riobaldo de Guimarães Rosa também era um sertanejo, é bom ressaltar que o autor criou o personagem bastante distinto, fugindo de todo e qualquer estereótipo dos homens do sertão. Ele era um verdadeiro filósofo, muito esperto, destemido, buscava conhecimento e tinha todas as características para ser tornar líder. Neste sentido, podemos compará-lo até mesmo com a própria Maria.

No mundo do sertão, Riobaldo é uma exceção: ele é o jagunço questionador, que não permite ao pensamento parar e imobilizar-se. Tudo para ele parece estar muito misturado, o bem e o mal, aparentemente muito heterogêneos, confundem-se (DURÃES, 1999, p. 262).

Na minissérie, quando o diabo percebe que Maria venceu essa batalha, o diabo faz a profecia: “Aproveita o curto tempo que é seu. O lote de tempo mais longo vai ser meu, porque eu sou aquele que entorta os caminhos, amarga as águas nos potes, azeda o vinho, planta mágoa no fundo do coração humano. Aproveita seus anos de menina, essa alegria boba de vida, aproveita. Sua infância já tem dono e logo vai desaparecer e ai vai ser só eu você e o mundo. Ái de você que cruzou o meu caminho”, diz irritado o diabo.

Neste ponto do seriado, o objetivo do diabo fica evidente: trazer sofrimento à vida da protagonista. Em um misto de inveja e maldade, o vilão passa a se mostrar mais parecido com os encontrados nos contos de fadas, que estão sempre buscando acabar com a felicidade da mocinha. Mesmo assim, é comum notar a presença de elementos mitológicos, como o tema da sombra, presente nas lendas populares e em geral na prosa do mundo.

3.5 – Diabo rouba infância de Maria

No quarto capítulo, Maria encontra com um homem dançando e o acompanha, mas logo percebe que se trata de mais dos disfarces do diabo. Enquanto isso, o pai da protagonista começa a ser aterrorizado pelo Asmodeu mágico, que lhe diz que sua filha morreu, mentindo que a enchente a levou e afirma: “Morte de filho não cicatriza”. Depois de causar tamanho sofrimento para o pai, o diabo-mor segue em busca da chavinha do tesouro da menina e acaba encontrando. Com isso, ele tira a infância de Maria fazendo o tempo avançar muitos anos. A protagonista desperta no riacho, menstruada.

3.6 - Gata Borralheira

O quinto episódio da série vai tratar de um tema bastante comum em contos de fadas: o encontro com o príncipe encantado. Maria ganha um vestido e sapatinho vermelho para ir à festa, mas este encanto acaba à meia noite, como acontece em Gata Borralheira. Diferente de Cinderela, Maria foge do príncipe e encontra o pássaro, que a acompanha desde o início de sua jornada, ferido. A protagonista o salva e descobre que ele é o homem de sua vida, mas o amor dos dois só existe durante a noite, pois durante o dia, Amado volta a ser um pássaro. Ao final do capítulo, a protagonista entra para a Companhia teatral que estava passando pela cidade.

3.7 – Diabo prende o amor de Maria

No sexto capítulo, a heroína já está como integrante da Cia e aproveita para perguntar a Rosa, uma das palhaças, que também é cartomante, se seu pai está vivo, e ela confirma com as cartas. Quirino, irmão de Rosa, também palhaço, num misto de pierrô, começa a se apaixonar por Maria, mas logo descobre que seu coração já tem dono. Asmodeu se aproveita dos ciúmes de Quirino para prejudicar o amor da protagonista com o pássaro.

O palhaço se sente mal pelos sentimentos ruins que vem alimentando contra o amor de Maria e diz: “Amor não pode ser peso. Quero leve o coração. Água, lava a máscara e liberta meu rosto e minha alma dessa prisão”.

Logo, Asmodeu instiga Quirino: “Mas amor também é luta, conquista. Isso está na disputa. Veja palhaço que a vida ensina: vence na guerra quem melhor peleja, vence no amor quem melhor domina”. Então o

palhaço faz uma gaiola e prende o pássaro, impedindo que o amor de Maria cresça ainda mais.

3.8 – Diabo devolve infância de Maria

Já no penúltimo episódio, aparece mais uma versão do diabo para atentar Quirino: “Se acheque que eu estava lhe esperando, não tenha receio não! Tenho muitos anos na cacunda prá mó de reconhecer na sua cara, as perdas do coração... Eu sou aquele que pode te dar aquilo que mais deseja... Essas coisas de desejo não se resolvem assim de supetão... Deixa o tempo correr que devagarinho eu lhe ajudo a tomar posse do amor dessa moça”.

Neste instante percebe-se que Quirino aceita a ajuda do demo, mesmo não tendo idéia de que este só quer fazer o mal à menina. Enquanto o palhaço busca o amor de Maria, o diabo quer a tragédia na vida da protagonista. Ao final, o pierrô verá que não adianta lutar do lado do mal, se do outro lado existe uma menina de bom coração. Firma-se então mais um pacto do diabo na minissérie.

Quirino vê que não está conseguindo romper com o amor de Maria e então o diabo aparece mais uma vez: “Se acheque moço, faz tempo que estou lhe esperando. Eu te falei, eu te avisei: essas coisas de amor não se vão assim de repelão. É que nem guerra: tem que sitiar o seu inimigo e depois tomar de assalto o coração”...”Agora só tem um jeito: você sabe qual é. Para se conseguir um amor sem tamanho não se fica medindo os meios, não se tem coisa grande com coragem pequena, rapaz. Vai Quirino! Atiça a vontade que já começou a morar dentro de você”.

O demônio não consegue fazer com que o palhaço acabe com a felicidade plena de Maria e então resolve fazer nevar no sertão, para dessa maneira, congelar o coração de Maria. Logo o diabo faz sua próxima maldade: “Eu sou o senhor dos descaminhos, o escuro que não tem fim, onde geme a solidão e o amor está ausente. Ai! Por isso eu sinto frio, muito frio no coração e assim caminho só desde as antigas eras. Meu coração é gelado! Minha inveja, gelada. Meus olhos, minhas lágrimas geladas. Como é fria a solidão. Quero corpos e corações. Gelem o mundo e seus amantes”.

Aqui fica claro que o diabo não é mal somente com Maria, pois todas as pessoas que vivem naquelas terras irão sofrer com o frio, com o gelo. Mas a intenção do demo continua sendo somente uma: destruir o destino feliz da protagonista. Mais um pacto que tenta firmar com Quirino não têm sucesso e isso vai causando uma raiva ainda maior no diabo. Parece que tudo o que faz dá errado, pois Maria tem o coração tão bom e tão puro, que o mal não consegue sair vitorioso.

Essa é uma das grandes diferenças de Maria em comparação com Riobaldo e Fausto. Os dois personagens querem usar o poder do diabo para se beneficiar, para conquistar conhecimento ou até mesmo um amor. Maria pelo contrário, quer afastar seus amigos queridos do diabo, pois sabe que o preço que se paga por firmar pacto pode ser muito alto.

Maria chega a dizer: “Diz que o demo tem inveja das criaturas humanas, porque enquanto ele excluía os caminhos da bondade, as criaturas humanas sonham que um dia tudo vai melhorar”.

Durante a viagem com o circo, a protagonista vê no chão as penas do pássaro, seu Amado e então Asmodeu comemora: “Tá morto mesmo” ... “Vou procurar o que fazer”.

Neste momento o pai de Maria morre e então ela decide abandonar a companhia teatral. E durante sua caminhada encontra mais uma manifestação do diabo, o Asmodeu poeta, que tanta conversar com Maria: “Um sorriso desse é que vale e pede que minha boca fale, que eu mude o caminho. Sertaneja desse inverno, escuta esse pedido terno de quem também anda sozinho.

Logo, Maria responde: “Não sendo dinheiro que não tenho, conversa mole porque me dá sono e coração que já tem dono.” E ouve do diabo: “Dinheiro não preciso, conversa mole é falta de sisma e coração, ah! Negócio inté o paraíso que sombra qualquer delícia ; descanso sem fim, prazer sem desalento , tudo em troca de cura para esse seu coração por um só momento”

Maria então percebe que se trata de mais uma versão do diabo ao ver sua chave pendurada no pescoço. Ela começa a discutir com o demo e diz que o que é dela, ninguém vai se apossar. Diabo a ameaça afirmando que nunca vai amar na vida, mas a heroína retruca, dizendo que já tem um grande amor.

Demo então diz: “Não tem não! Tá mortinho da Silva, duro, congelado, debaixo da neve. Eu vi, confirmei” ...” Pode ficar com essa chavinha que sua mãe lhe deu, coisica de criança, chave de tesouro. Nenhum tesouro há de valer até o dia que você vier de rastro implorar para eu morar no seu coração. Vai em frente, vai, ou será que não é melhor você ir para trás, procurar o passarinho”.

Maria então sai em busca do Amado e encontra o pássaro congelado e com o calor de seu corpo, consegue fazer com que ele volte a viver para a ira do diabo.

“Nem nas profundezas o poder do amor pode vencer, o poder do mal tem que ser maior. Vai tripudiar, vai triunfar, não vai alçar poder maior que o meu. Eu sou o pai de todo o dano, aquele que embaraça os caminhos e tortura o coração humano. Eu lhe roguei, só eu posso devolver e agora Maria para desfazer esse amor, como maldição e castigo, lhe devolvo a infância”, diz ‘Asmodeu’

3.9 – Maria derrota o diabo

No último capítulo Maria se segue sua jornada de volta para casa, mas como ela mesmo diz “não sabe se está indo ou voltando”. Logo no começo do caminho encontra um mascate que lhe oferece um presente. A protagonista escolhe um que está encoberto e então o vendedor diz que só pode abri-lo quando o coração mandar.

Asmodeu segue atrás de Maria e comemora: “Até aqui tem dado certo, ô menina do diacho! Como que ela me dá trabalho! Uai olha ela ai de novo. Ô gastura, que canseira que ela me dá!”

Diabo vê Maria correndo e percebe que fez o tempo voltar demais, antes mesmo de ele roubar a chavinha do tesouro da protagonista. No caminho, a heroína encontra a menina carvoeira, que tinha tido a sombra roubada pelo Asmodeu, mas dessa vez, ela estava livre. Esse é mais um elemento que prova que Maria tem um coração bom, capaz de mudar o destino de várias pessoas a sua volta. Como o diabo fez o tempo voltar demais, as crianças que antes eram exploradas pelo diabo, agora podem voltar a aproveitar a infância de verdade. “O mundo girou Maria”, diz a menina carvoeira.

Então a menina percebe que sua vida está voltando a ser como era antes, como se o tempo estivesse voltando atrás. Asmodeu acredita que está fazendo o mal para a protagonista: “Demorou, mas venci! Volta para sua vidinha, volta. Volta para aquele cachaceiro que é seu pai. Volta para sua madrasta e prova na pele que quem nasceu para roer sabugo, nunca há de provar a broa de milho”, diz o “coisa ruim”, mas mal sabe ele que a vida de Maria dará uma verdadeira reviravolta.

Ao chegar em casa, a heroína vê seu pai, sua mãe e seus irmãos. Tudo e todos como eram antes e comprova que o tempo realmente voltou e ela não está sonhando. Logo Asmodeu se enfurece: “Diacho! Ô raiva! Nas ganas de impedir o amor com o Amado dela, devolvi a infância de Maria antes da mãe dela morrer. Deixa estar, vou fazer tudo de novo e dessa vez não tem erro” roga o diabo e convoca suas outras corporeidades e os seis demos emergem de um buraco na terra.

Neste momento, o ciganinho, um vizinho de Maria chega a sua casa. Na verdade ele é o pássaro Amado. Maria então acha que está na hora de abrir o embrulho dado pelo mascate e vê que é um espelho. E então fica comprovado que o que movia o diabo era a vontade de prejudicar a protagonista.

“Esse é o momento. Como da outra vez, primeiro eu vou transformá-lo num pássaro de lata. Depois você há de cumprir a sina. Morre enferrujado de tanto gelo e nunca mais há de encontrar Maria. Depois lançar desgraça sob essa casa: lavoura há de secar, a água há de secar, esturricar. Os irmãos vão se perder na estrada da vida e a mãe, o sol quente há de levar. Esse dia então Maria, vou colher para mim sua experiência e seus sonhos”, afirma o diabo à Maria.

Mas a protagonista guerreira consegue mandar Asmodeu e suas faces para o inferno através do reflexo de seu espelho. Depois de se ver livre deste tormento, a protagonista segue com Ciganinho rumo às franjas do mar. “Maria virou, mexeu, lutou e mereceu. E até hoje vive feliz com seu amado”.

3.10 - Manifestações do mal

As sete versões do diabo são responsáveis por uma das maiores riquezas encontradas na minissérie. Os elementos míticos serviram como um dos principais combustíveis para a produção de sentido de “Hoje é dia de Maria”. Seja nos mitos, ou nos contos de fadas é comum encontrar o mal, sempre tentando vencer o bem, sendo esta uma batalha eterna tanto na literatura como no cinema, televisão ou teatro.

Neste caso o autor do seriado, Luiz Fernando Carvalho inovou, pois conseguiu transformar o diabo em seis personagens diferentes, mas com o mesmo objetivo: provocar a desgraça na vida de Maria.

O diabo-mor, *Asmodeu* é a “cabeça” de tudo. É quem planeja as ações dos outros demônios e quem determina o que vai falar e fazer. O segundo diabo que surge na minissérie é um grande sedutor, um *lorde cigano*, que com seus charme e beleza consegue conquistar seus objetivos. Parece que a intenção maior do Asmodeu com essa manifestação é “distrair” a vítima para fazer o mal, sem que ela perceba.

Em seguida surge o *Asmodeu sático* que vai tentar conquistar a confiança do pai de Maria, para assim roubar sua sombra. Como o “coisa ruim” não está conseguindo fazer o mal diretamente a Maria, tenta punir o pai da protagonista para que de alguma forma, suas ações atinjam a personagem.

Mas este mesmo diabo acaba perdendo um desafio para Maria. Mais uma derrota.

A quarta versão do diabo que surge na minissérie é o diabo brincante que se aproxima de Maria tentando enganá-la, mas a menina logo percebe que se trata de mais um dos disfarces do demônio. A quinta versão surge para enganar o pai de Maria novamente. O Asmodeu Mágico diz para ele que “não adianta ter esperança, não adianta ficar feliz, pois os velhos só contam os dias que restam e que o coração deles já não pode esperar”. Isso acaba desanimando e matando a esperança do pai de achar a filha e para convence-lo o diabo diz que “milagre é coisa rara que não acontece com qualquer pessoa”. Pode inferir que este diabo veio como mágico para mostrar ao pai de Maria que somente uma magia faria com que ele se encontrasse com a filha.

A sexta manifestação do demo surge como um diabo velho que tenta convencer Quirino de acabar de vez com o amor de Maria com o Amado. Ele diz ter experiência e por isso está dando conselhos ao jovem rapaz. E finalmente a sétima e última versão do diabo aparece como Asmodeu poeta, que vai tentar ganhar Maria usando palavras bonitas e sonoras, mas obviamente, a garota esperta consegue perceber que essa é mais uma tentativa do demônio de roubar sua alegria, sua sombra, seu amor e sua vida.

4. TELENOVELAS E ESTEREÓTIPOS

4.1 – Produto de televisão

A minissérie “Hoje é dia da Maria” traz muitos elementos da mitologia e contos de fadas, como já foi explicitado, mas como é veiculado em uma TV comercial, utiliza um discurso parecido com a teledramaturgia convencional. São muitos os padrões comuns a todos os produtos produzidos pela televisão.

O primeiro é o padrão mercadológico, no qual a TV deve se adequar às vontades, e às necessidades do universo no qual está inserido. É preciso, portanto dominar técnicas que estimulem o consumo.

A televisão em circuito aberto gera sempre um produto-programa cuja estética, ideologia e semântica devem ter íntima relação com o repertório comum à média das pessoas. O meio de massas opera sobre a estética do conhecimento. É a estética da acomodação e não a da rebeldia ou da denúncia. O padrão mercadológico é consonante, integrado nos valores já aceitos pela média – e pela mídia (TÁVOLA, 1996, p. 9)

Outro padrão é o artístico, em que o que importa é atingir determinado segmento da sociedade. E é bom diferenciar este padrão artístico e valor artístico, pois nem sempre um produto que tenha qualidade na produção é considerado com alto valor artístico, como afirma o autor Artur da Távola:

Para obter padrão artístico e de comunicação, é necessário que o produto possua a estética, a semântica, a dinâmica, a semântica, a linguagem e o repertório dos segmentos a que se destina. Em televisão de mercado, o conceito de produto subordina os elementos constitutivos do programa, sejam artísticos, informativos ou de serviço. É evidente não ser atividade do campo da arte, o que não

impede de possuir artisticidade como instrumento e acicate (TÁVOLA, 1996, p. 10)

No caso da minissérie o valor artístico foi predominante, já que jamais na história da televisão brasileira se produziu uma obra tão sensível e original. De acordo com Cláudio Paiva, o seriado foge aos padrões da cultura globalizada, às convenções da agenda midiática e do repertório popular massivo, habituado com o formato das telenovelas.

O programa serviu para divertir e entreter, mas ajudou a estimular o exercício de uma atividade lúdica e criativa. Fez diversas críticas à sociedade, mas em nenhum momento entediou o telespectador, provando mais uma vez que é possível produzir programas de qualidade e de valor artístico.

O terceiro padrão é o tecnológico, que impõe regras e interfere na qualidade artística do produto. Como diria Marshall McLuhan, “o meio é a mensagem” e dessa forma a tecnologia modela um programa transformando-o em mensagem. Alguns telespectadores chegam a escolher uma determinada emissora pela qualidade do sinal, e não pela qualidade apresentada no conteúdo. De acordo com Artur Távola, a televisão muitas vezes é prejudicada, pois “a dinâmica dos veículos eletrônicos não permite, como em outras artes, a criatividade, a demora, o aperfeiçoamento” (TÁVOLA, 1996, p.12).

O último padrão é o ético-cultural que determina o valor, o conteúdo e a finalidade dos programas.

E o dilema de quem faz televisão é encontrar a forma de equilíbrio, sempre instável, entre os quatro padrões, relacionando televisão, arte, serviço e sociedade. O programa que conseguir tal equilíbrio configurará o produto pleno de televisão. Raro é. Ou impossível... Daí a eterna busca e evolução do processo. As tensões internas do canal determinam qual padrão o produto segue, principalmente na televisão comercial. (TÁVOLA, 1996, p.15)

“Hoje é dia de Maria” conseguiu unir todos os padrões exigidos na televisão e produziu um dos melhores programas exibidos, com uma linguagem de fácil entendimento, cenários bem construídos, uma história consistente e personagens empáticos.

Sabe-se que os discursos das novelas são bastante conservadores e não ultrapassam propostas ideológicas. As falas são banalizadas, para aproximar ainda mais o telespectador do programa, demonstrando uma ausência literária. Artur Távola defende que “a telenovela é narrativa realista repleta de romantismo, e narrativa romântica carregada de realismo. Daí seu sucesso. No fundo, realismo e romantismo são divisões básicas do espírito humano” (TÁVOLA, 1996, p.20)

Para Rose Calza, a telenovela é uma arte popular, uma peça dramática que pode surgir com adaptações de obras da literatura e essa manifestação é uma mistura de rádio, livros e cinema:

... o resultado é uma mistura de tradição do rádio, sucata da literatura e clichês cinematográficos, submetida a um conjunto primário de regras esquemáticas impostas menos por opções estéticas e mais por pressões econômicas, ou seja, pelas necessidades da Tv comercial (CALZA, 1996, p. 8).

O objetivo destes programas é garantir diversão a um grande número de pessoas e dessa forma mantê-las cativas para garantir marcas satisfatórias no Ibope. Calza afirma ainda que as telenovelas são a “maneira mais tradicional e linear de se estrutura um relato obedecendo o estatuto do principio meio e fim e a base maniqueísta do bem e do mal alicerçando tudo”(CALZA, 1996, p. 17). Princípios que estão visivelmente presentes na minissérie.

Uma das grandes diferenças das novelas para o seriado em questão é que a primeira não é considerada uma obra, pois se baseia nos capítulos e a cada dia o destino dos personagens pode mudar, de acordo com a vontade do público. Esse excuro é usado pelas telenovelas para facilitar a decodificação imediata, operando na superficialidade dos sentidos para ser objeto de consumo. Já “Hoje...” é uma obra, com começo, meio e fim pré-determinados.

Artur Távola afirma ainda que o homem vive de repetir e cita Freud ao acentuar que o princípio da repetição é mais forte até que o do prazer. Então as novelas repetem a emocionalidade, as ênfases, e o overacting dos atores, a tensão e o estereótipo, forma principal pela qual o recurso se manifesta. Percebe-se então que personagens como a grande vítima, a madrasta terrível, o grande vilão estão sempre presentes nas telenovelas.

Seria impossível comparar os livros de Guimarães Rosa e de Goethe com o seriado, mas a apropriação de elementos é muito clara. A narrativa foi inspirada em obras de Câmara Cascudo, Mário de Andrade, Sílvio Romero, Portinari e Villa-Lobos “escapando de uma identificação nacionalista e regionalista”, segundo Cláudio Paiva. Isso prova que é possível produzir programas de alto valor artístico em emissoras de canal aberto, mais populares, carregados de características da cultura de massa.

Um ponto interessante e que merece destaque é que muitas telenovelas usam seu espaço para discutir grandes tabus, valores e até política, temas que muitas vezes não seriam abordados em culturas mais conservadoras e de forma aberta. No caso da minissérie, por exemplo, houve o uso de metáforas para discutir certos assuntos, como a exploração do trabalho infantil, com as meninas carvoeiras que venderam sua alma para o diabo. Esse tipo de abordagem já não é muito comum em telenovelas tradicionais, pois as

discussões nem sempre são tão profundas, visto que o objetivo não é fazer pensar e sim alienar a sociedade.

4.2 – Manifestações do diabo

A minissérie “Hoje é dia de Maria” recorre às manifestações míticas do diabo, pois todas as versões usam personificações para tentar enganar a protagonista Maria e conquistar a sombra e a felicidade da menina. O “lorde cigano”, por exemplo, tenta ganhar as pessoas pela sua beleza, mas de nada adianta uma figura bonita se as intenções não são nobres. No caso do “Asmodeu poeta” também ocorre esse caso, pois o diabo tenta encantar a protagonista com palavras bonitas e lúdicas, tentando passar certa segurança.

O diabo velho tenta convencer o jovem Quirino a prejudicar Maria afirmando que tem muita experiência no amor devido à sua idade. Mais tarde, o palhaço perceberia que os conselhos não ajudariam a acabar com o amor da protagonista pelo Amado. O diabo mágico deixa a entender que o pai de Maria só voltará a encontrá-la caso aconteça uma mágica, acabando com todas as suas esperanças.

O diabo dançante ganha Maria por alguns minutos pela sua graça, dança e música, mas logo é desmascarado. Neste caso, o ditado “quem dança seus males espanta” não foi verdadeiro. O Asmodeu sátiro tenta ganhar a confiança do pai de Maria com a intenção de roubar-lhe a sombra, mas mais uma vez, não consegue.

Em todas as manifestações do diabo, os estereótipos estão presentes. A impressão que se tem é que o diretor da minissérie, Luiz Fernando Carvalho, ao mesmo tempo em que procurou elaborar um programa

totalmente diferente, usou e abusou desses elementos, comuns em todas as telenovelas.

Para o estudioso Franklin Fearing, a formação de estereótipos pode ser perigosa, mas de certa forma, fornece ao indivíduo um ajuda psicológica para uma rápida apreciação das situações, pois a repetição de características facilita a decodificação. Isso prova mais uma vez que o objetivo desse tipo de programa é distrair o telespectador, que não precisa gastar muito tempo para entender determinado acontecimento, pois já viu situações parecidas diversas vezes.

Apesar da formação de estereótipos ser potencialmente perigosa, pois impossibilita a livre estruturação do indivíduo em cada situação que lhe apresenta, pode, no entanto, dentro de certos limites, servir como função útil, fornecendo ao indivíduo uma espécie de ajuda psicológica para rápida apreciação das situações (CONH, 1936, p. 74).

De forma inteligente e inventiva, “Hoje é dia de Maria” apropriou de maneiras diferentes características da cultura de massa, que segundo Herbert Blumer se interessa pela vida de outras pessoas, pelas diferentes culturas e é “composta de indivíduos desvinculados e alienados que enfrentam objetos e áreas interessantes, mas também complexos e difíceis de entender” (CONH, 1938, p. 178).

4.3 – Fausto, Riobaldo e Asmodeu

Como já foi dito, não há como comparar obras-primas de literatura com uma série produzida para a TV comercial brasileira, mas existe a apropriação de alguns elementos em “Hoje é dia de Maria”.

Os pactos que foram firmados com o diabo no seriado não tiveram motivações nobres como em Fausto de Goethe ou em Grande Sertão: Veredas. No primeiro, o personagem buscava conhecimento, satisfação pessoal e paixões humanas e Riobaldo queria vencer seu inimigo para se vingar do assassinato do líder de seu bando, pai de Diadorim, seu grande amor.

A protagonista da minissérie não efetuou nenhum pacto com o demônio, pelo contrário, tentava impedir que seus amigos tivessem relação com o diabo, que atormentava todos a seu redor. Primeiro, Maria conheceu os meninos carvoeiros, que venderam sua alma ao diabo em troca de trabalho. Mas na verdade, o diretor do seriado estava fazendo uma crítica à exploração do trabalho infantil usando elementos das obras literárias já mencionadas.

Em seguida, a personagem principal faz amizade com Zé Cangaia, um vendedor ambulante, que vende sua sombra em troca de um pedaço de pão, mas logo se arrepende. Sua ignorância não o deixou perceber que se tratava do diabo “vestido” de lorde cigano, mas sua amiga logo abriu seus olhos e o pacto foi desfeito.

De acordo com Cláudio Paiva, a minissérie reuniu diferentes gêneros e por isso o resultado foi fantástico:

A sua trama poética se faz por meio de uma intersecção vigorosa em que se reúnem os diferentes gêneros musicais, cantorias populares, teatro mambembe, e ao mesmo tempo, irradia as emanções da literatura dos contos de fadas, dos irmãos Grimm, a visão de Dante Alighieri e Miguel Cervantes, o que representa um salto no passado prosaico e literário, recuperando as analogias, semelhanças e simpatias do imaginário medieval, como uma estratégia de iluminação estética da nossa “modernidade líquida (PAIVA, 2005, p.2).

“Hoje é dia de Maria” tem muito em comum com Grande Sertão: Veredas, pois também se passa no nordeste brasileiro. Assim como Riobaldo, Maria sempre está a procura de sua história, de sua vida e dos porquês dos acontecimentos do mundo. Cláudio Paiva ainda ressalta que a minissérie se preocupa em fazer denúncias contundentes, comuns no sertão do Brasil:

“Através da representação dos tipos sociais faz a denúncia dos deserdados da terra e assim as figuras do mendigo, dos executivos, do maltrapilho, do vendedor, da camponesa, dos meninos carvoeiros, dos retirantes e dos saltimbancos, simultaneamente, protetores e protegidos de Maria, são criaturas que experimentam a escassez e o sofrimento no mundo do sertão. Todavia, atuam sob o signo do vigor e da esperança e na rotina de suas trajetórias expressam sempre uma postura de luta e determinação” (PAIVA, 2005, p.9-10).

Para finalizar a presente análise, é interessante citar que o tema da sombra abordado no seriado pode ser encontrado em diversos clássicos literários, como cita Cláudio Paiva, na estória de *Peter Pan* e *O retrato de Dorian Gray* de Oscar Wilde, em que o reflexo do ser é roubado, causando desgraça na vida do personagem. Sem deixar de mencionar *Fausto* de Goethe que debate com o diabo o preço de sua alma. Asmodeu de “Hoje...” também quer se apossar da sombra das pessoas a qualquer custo, para assim dominar o corpo e a alma, mas somente em um momento existe uma venda consciente da sombra, como ocorreu com Zé Cangaia. Mas assim que descobriu que se tratava do demônio, fez de tudo para recuperá-la.

CONCLUSÃO

A análise das manifestações do diabo na minissérie “Hoje é dia de Maria” trouxe uma série de explicações. Ficou claro que os autores das obras utilizadas como base para construir a jornada de Maria usaram elementos clássicos presentes na literatura mundial para elaborar o grande vilão da minissérie. As influências vieram não só de Goethe e Guimarães Rosa, como também da cultura de massa e das telenovelas convencionais.

Na minissérie o desfecho da história lembra os contos de fadas, em que o bem deve prevalecer e a própria narradora da história, a atriz Laura Cardoso. Ela diz que “Maria viveu feliz para sempre com seu Amado”, mesmo com o diabo atormentando em todo o momento. A grande diferença é que em nenhuma passagem a protagonista procurou a ajuda do demônio, não quis firmar pacto e não tinha grandes aspirações. Queria somente chegar às “franjas do mar”, para fugir da seca e dos problemas do sertão.

O diabo a perseguiu movido por uma raiva e uma inveja próprias de vilões de telenovelas e Maria, como mocinha, tinha que passar por grandes dificuldades para conseguir alcançar seus objetivos.

A minissérie utilizou na construção das personagens, elementos estereotipados, sempre tão presentes em programas veiculados na TV comercial. A maioria carregava alguma característica comum a um determinado grupo social, o que, segundo Franklin Fearing, ajuda a conquistar o público.

O “lorde cigano” era o “bonito, mas ordinário”, o “asmodeu poeta” usava palavras cheias de requinte para ganhar a confiança de Maria, imitando grandes literatos, que fascinam pela facilidade que têm de lidar com

palavras. O “asmodeu mágico” tentou convencer o pai da protagonista que só uma magia poderia realizar um último encontro com a filha, o “diabo velho” passava uma idéia de sabedoria e maturidade e usou suas “falsas rugas” para provar a Quirino que a guerra era o melhor caminho para acabar com o amor de Maria e Amado e o “diabo dançante” que por meio da dança, queria distrair a protagonista e roubar-lhe a sombra.

Para passar uma mensagem positiva, como é comum em telenovelas, o seriado terminou mostrando que Maria finalmente conseguiu chegar às “franjas do mar”, conseguiu conquistar seu grande amor e viver novamente com toda sua família, mandando todas as versões do diabo para “debaixo da terra”. Um dos pontos principais que diferenciam “Hoje é dia de Maria” dos demais programas do gênero é que ele foi construído a partir de um jogo lúdico e muito interessante entre o diabo e a protagonista. Pela primeira vez um programa de ficção da tv brasileira usou de forma inteligente e inventiva os estereótipos, provando que é possível unir elementos da cultura clássica com a cultura de massa.

Com grande liberdade poética, o diretor Luiz Fernando Carvalho não negou em nenhum momento a utilização de “tipos comuns” na construção das seis versões do demônio, sendo que cada um foi representado por atores diferentes. Em um misto de brincadeira e verdade, a minissérie conquistou a todos pela sensibilidade e pela criatividade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CONH, Gabriel (Org). **Comunicação e Indústria Cultural: leituras de análise dos meios de comunicação na sociedade contemporânea e das manifestações de massa nessa sociedade.** São Paulo: Editora da USP, 1996.

CALZA, Rose. **O que é Telenovela.** São Paulo: Editora Braziliense, 1996.

PEREIRA, Marcos Emanuel. **Psicologia dos estereótipos.** São Paulo: E.P.U, 2002.

TÁVOLA, Artur da. **A telenovela Brasileira: história, análise e conteúdo.** São Paulo: Editora Globo, 1996.

BETTELHEIM, Bruno. **Psicanálise dos contos de fadas.** Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 2003, 17ed.

GOETHE. **Fausto.** Belo Horizonte: Editora Itatiaia Limitada, 1997, 4 ed.

DURÃES, Fani Schiffer. **O mito de Fausto em Grande Sertão: Veredas.** Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 1999.

REDMON, William Valentine. **O mito de Fausto em Guimarães Rosa, seguindo a tradição de Spies, Marlowe, Goethe.** (artigo). Juiz de Fora: Revista Verbo de Minas: Letras, 2006.

PAIVA, Cláudio Cardoso. **Epifanias do sublime, do trágico e do maravilhoso na minissérie *Hoje é dia de Maria*: mídia e cultura no tempo das artes tecnológicas.** (artigo) Paraíba, Universidade Federal da Paraíba, 2005)

ROCHA, Everardo P. Guimarães. **O que é mito.** São Paulo: Editora Braziliense, 1985/1999.

Hansen, João Adolfo. **A escrita de Grande Sertão: Veredas.** In: Digestivo cultural, 2006.<http://www.digestivocultural.com/ensaios/ensaio.asp?codigo=169>

Rosa, João Guimarães. **Grande Sertão: Veredas.**

Minissérie:

HOJE É DIA DE MARIA. Dirigida por Luiz Fernando Carvalho, exibida na Tv Globo em 2005.